



APRESENTAÇÃO à 48^o número da Revista Eletrônica Pesquisaeduca

Como editora da *Revista Eletrônica Pesquiseduca*, recebo com entusiasmo este dossiê que compõe o número 48 da revista, organizado pelos pesquisadores Shirlei de Souza Corrêa e Ivan Fortunato. O foco do dossiê é a inclusão escolar, sua prática e possibilidades.

Como se sabe e se percebe nos debates acadêmicos, a prática da inclusão tem se constituído como um grande desafio para educadores, para os professores da rede pública de ensino, para pesquisadores e para aqueles que atuam na formulação e implementação de políticas públicas, especialmente quando confrontada com as condições concretas em que se realiza o trabalho pedagógico.

Não estamos diante de um tema novo. A inclusão ocupa há décadas lugar central nos discursos, nas normativas, nas agendas educacionais. Mas a prática pedagógica, o cotidiano escolar e as vidas envolvidas ainda são uma grande questão a se resolver.

Mas talvez exatamente por isso seja necessário voltar a esta problemática com mais cuidado e muita reflexão crítica. Sabe-se que quando um conceito se estabiliza rápido demais, corre o risco de perder força, de se tornar palavra que circula sem produzir deslocamentos. Assim insistimos sempre em aprofundarmos a reflexão crítica.

É nesse ponto que este dossiê se torna importante. Ele não toma a inclusão como evidência, nem como consenso. Ao contrário, recoloca a questão em movimento. O que está em jogo quando falamos em inclu-

são? De que inclusão estamos falando? E, sobretudo, o que a escola tem feito, de fato, quando afirma incluí-la?

Os textos aqui reunidos nos ajudam a sustentar esse incômodo. Eles mostram que a inclusão não se resolve por adesão a princípios, nem por incorporação de procedimentos. Há algo mais exigente em jogo. As práticas inclusivas, quando levadas a sério, tensionam a organização da escola, interrogam a formação docente, deslocam modos de ensinar e de aprender. E, não raramente, entram em choque com políticas que, ao mesmo tempo em que afirmam a diversidade, operam por padronização, controle e redução da autonomia.

Talvez seja preciso dizer com clareza: não há inclusão sem condições estruturais. E quando essas condições não existem, o que se produz não é inclusão, mas aparência de inclusão; ou pior, disfarce de inclusão. Sabem bem os professores que nesse vácuo, entre o que se anuncia e o que se torna possível, que o trabalho docente se intensifica e, muitas vezes, se fragiliza.

Por isso, este dossiê não oferece respostas fáceis. E isso é um mérito. Ele nos convida a permanecer na pergunta, a sustentar a complexidade, a não reduzir a diferença a problema técnico. Pensar a inclusão, aqui, é também aceitar que ela desorganiza certezas e exige reposicionamentos.

Ao acolher este dossiê, reafirmamos o compromisso da *Pesquiseduca* com uma educação que não se satisfaz com enunciados bem formulados, mas que se dispõe a confrontar suas próprias condições de realização. Uma educação que, ao invés de pacificar o debate, o mantém vivo.

Na sequência, apresentamos o editorial elaborado pelos coordenadores do dossiê, que situam os leitores nos percursos, nas escolhas e nas contribuições dos textos que compõem esta seção e os artigos subsequentes.

Com esperança de que esse dossiê possa nos indicar caminhos suaves para o enfrentamento da questão da inclusão crítica e emancipatória, desejo a todos uma leitura dialógica e uma escuta atenta,

Maria Amélia Santoro Franco,
ditora chefe.

Santos, 19 de abril de 2026.

